

de Rubem Braga

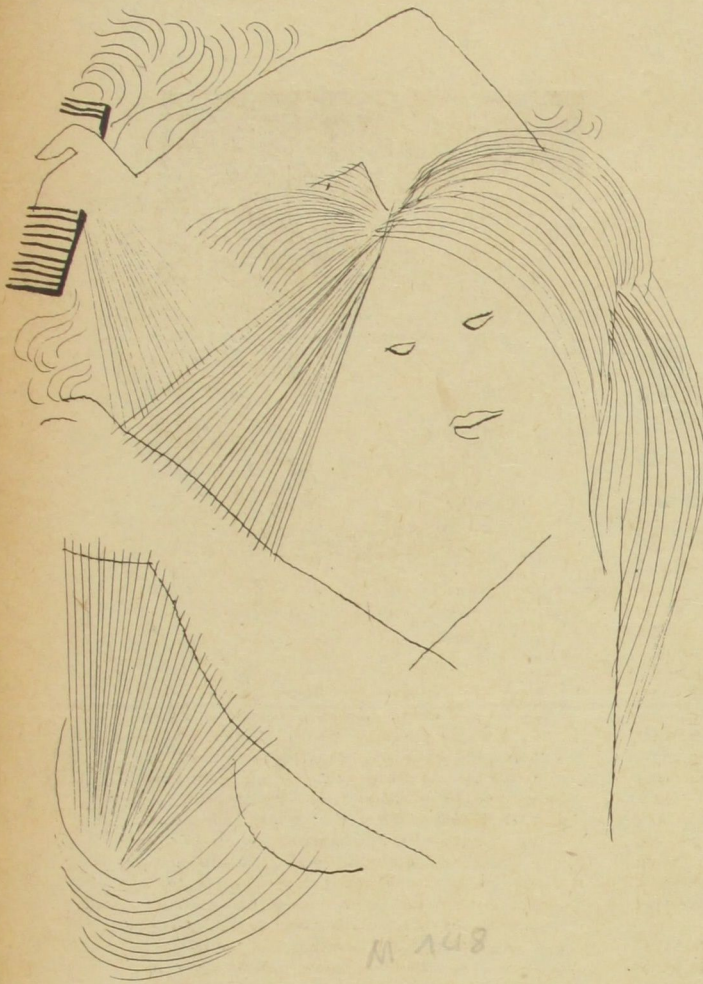
DESENHOS DE CARLOS THIRÉ



Lucas Lopes,
técnico

O engenheiro Lucas Lopes, para começo de conversa, tem o privilégio de ter nascido em Ouro Preto, filho de um velho e estimadíssimo assistente da Escola de Minas. Nasceu à 25 de junho de 1911, o que quer dizer que tem, agora, quarenta e quatro anos, e, com essa idade, depois de ter feito coisas, muitas coisas, seu nome apareceu há dias numa lista pessedista de candidatos a candidato à presidência da República. Fêz os estudos primários e secundários em Minas, com o mesmo brilhantismo com que, mais tarde, ia distinguir-se entre os colegas que concluíam o curso de Engenharia Civil. Daí para a frente Lucas Lopes seria, freqüentemente, o "mais jovem" de um determinado grupo, governo ou comissão que êle integrasse, com a sua pouca idade e a muita competência que rapidamente ia sendo por todos reconhecida. Graças a isso, conseguiu dobrar os quarenta anos conhecido como menino prodígio, e ainda recentemente, quando integrava o governo Café Filho, era, entre todos, o mais jovem ministro de Estado. Sem fazer política, ou pelo menos sem nunca ter cuidado de obter prestígio eleitoral, Lucas Lopes muito cedo começou a fazer vida pública. Aos trinta e poucos anos, já com boa reputação profissional, foi convocado pelo governo Benedito Valadares para ocupar a secretaria da Agricultura, Indústria, Comércio e Trabalho. No período de transição entre o "estado novo" e o regime vigente, foi secretário da Viação, firmando-se, em Minas, como técnico capaz de devotar-se a fundo ao estudo de qualquer problema que o apaixonasse. Enquanto estudante, Lucas Lopes foi repórter dos "Diários Associados", em Belo Horizonte, mas apesar de se vangloriar de ter sido um bom jornalista, certamente o jornalismo não é o seu forte. Certa vez, foi encarregado de fazer uma reportagem sobre o cemitério do Bonfim, e o que apresentou ao secretário da redação foi um minuciosíssimo levantamento estatístico, cheio de gráficos sobre túmulos e técnica de sepultar... E' o que se pode chamar, sem caráter pejorativo, um espírito estatístico, carrega sempre no bolso uma régua de cálculos e, a propósito ou sem propósito, está sempre a consultá-la várias vezes por dia. No governo Dutra, Lucas Lopes

R. B.



A HOLANDESA DO TERRAÇO

A grande sala da redação tinha dez janelas. As duas do Norte davam para uma parede, as três do Oeste para uma construção, alguns telhados, e um morro verde, e as janelas do Sul davam para o terraço do edifício onde há um apartamento que parece uma casinha, onde mora a moça muito loura e talvez um pouquinho gorda.

Rosada e cantarolante, ela aparecia às vezes no terraço para secar ao sol os cabelos soltos. Os que trabalhavam em nosso vigésimo andar a conheciam; alguns se deixavam ficar na janela, a fazer olhares; outros lhe davam adeus. Ela não olhava nem sorria, nem cumprimentava; fingia-se atenta às nuvens ou ao seu grande gato ruivo. Na verdade, não a importunávamos demais; cada um tinha sua mesa e sua máquina, e devia escrever. As vezes, um dos rapazes pretendia ter ganho um olhar de simpatia, mas era mentira; jamais algum conseguiu prová-lo, quando fizemos o teste de deixá-lo aparecer a uma das cinco janelas do Sul, enquanto atrás de uma outra, víamos, através das persianas descidas, se a moça loura correspondia a seu olhar. Na qualidade de secretário da redação posso atestar que jamais foi comprovado um só caso de anuência ou correspondência da moça loura aos olhares e gestos do corpo redatorial. Sempre nos pareceu, entretanto, que essas discretas manifestações não lhe faziam mal; não sabíamos se era casada ou tinha algum amor, ou se apenas por princípio não é pessoa que se possa namorar de terraço a terraço; mas em todo caso essa homenagem que vez em quando lhe era prestada pelos meus rapazes (se assim posso me exprimir, como o capitão de um time de futebol)... bem, suspeito que essa homenagem lhe acrescentava algum dengue ao andar e um certo donaire no modo de agitar os cabelos molhados, a ver o céu.

Não me arrisco a dizer que fosse uma vaidosa; talvez a nossa vinda para aquele vigésimo andar a aborrecesse tirando-lhe de algum modo a liberdade de evoluir em seu terraço, entre antenas e chaminés, à volta da grande clarabóia; mas enfim estou em que olhos de rapazes não fazem mal a raparigas, antes como que lhes torneiam sutilmente a polpa dos braços e das pantorrilhas; melhoram sua cadência, em-

pinam-lhes o busto em mais airosa postura, flexionam-lhes os músculos da cintura: são, para muitas, como que um imponderável bálsamo de beleza; o serem vistas lhes faz bem.

Engano-me? Em todo caso, mal é que não hão de fazer, olhares. E nunca os moços chegaram a ser impertinentes; eu estava sempre presente à redação, e minha austeridade impunha aos rapazes um limite em suas manifestações; apenas um quis abusar da minha benevolência de chefe, emitindo assobios, mas não deixei de lhe chamar atenção, com uma certa cordura, mas firmeza.

"A Holandesa", dizia um; "a virgem loura", dizia outro; êste a tratava de "madona", aquêle de "roliça". Mas quando escrevo assim parece que nos preocupávamos realmente com a bela vizinha. Não é isso. Cada um de nós tinha sua vida, e ainda um jornal por fazer, telefone para falar, relógio para olhar, elevador para descer e amôres, tristezas, ambições. Nosso jornal saía na hora certa, alegre e valente; talvez um tanto descuidoso; e a vizinha era um acidente à margem, alguma coisa como nuvem ou canário.

O jornal era um jornal muito vivo, e continuou assim até que um dia lhe aconteceu o que acontece com tudo o que vive: morreu.

Os rapazes foram-se embora; uns a resmungar, porque não haviam recebido o último ordenado; outros mais polidos, apresentaram pêsames e lamentaram o fato. Um a um, juntaram coisas de suas gavetas e partiram para outras redações. Fiquei apenas eu na sala grande que a penumbra ia invadindo. Levantei-me da cadeira, comecei a fechar as janelas. Para os lados do poente ainda havia uma vaga luz sobre as montanhas, e contemplei um instante o morro com bananeiras e o grande relógio azul da Central, lá longe. Quando fui fechar as janelas do lado Sul vi que a vizinha estava à porta de sua casa no terraço. Cantarolava uma coisa qualquer; dei-lhe um adeus a que ela não respondeu; e parti.

E a grande sala ficou fechada, com inúteis papéis e fotografias nas gavetas de suas mesas; fechada, escura e fria. O jornal foi esquecido; mas enquanto se resolvia o destino das coisas a sala continuou desabitada.

Uma destas manhãs precisei ir lá. Quando entrei, achei o ar pesado e morno, e embora não devesse demorar muito, resolvi abrir tôdas as janelas. A vizinha estava de costas, junto ao muro do terraço defronte de uma janela, secando seus cabelos ao sol. Ouvindo o ruído da janela que se abria, voltou-se, e deu comigo. Cumprimentei-a gravemente com um aceno de cabeça; e ela, surpreendida, retribuiu a minha saudação. Depois foi para mais longe. Afastei-me da janela, mas fiquei um instante a observá-la. Ela passava o pente nos cabelos molhados, esticando-os ao sol. Assim como tantas vezes a vimos, lá estava a "holandesa" ou a "madona", loura, roliça, eterna, eternamente a enxugar seus cabelos ao sol de tôda manhã.

Agora estava de perfil, mas achei que espreitava com um canto de olho enquanto eu abria tôdas as janelas. Durante muito tempo ela vira aquelas cinco janelas fechadas; era natural que estranhasse a novidade.

Quando fui fechar a janela para sair, fiquei tentado a dizer-lhe alguma coisa — perguntar se alguma vez sentira saudade de nós, ou se estava mais feliz sem os olhares importunos dos rapazes da redação. Tive vontade de dizer: "êles vão voltar!", ou de perguntar-lhe porque lavava tanto os cabelos. Olhei-a um instante indeciso. Imagino que ela tinha a consciência de que eu a olhava, embora não se tivesse voltado. Hesitei um momento a mão na correia que puxa a persiana. E então considerei que a imagem daquela mulher moça, com seus braços rosados e roliços e seus cabelos molhados brilhando ao sol talvez tivesse ficado também na lembrança de todos os rapazes da redação. Certamente nenhum se lembrou dela depois da morte do jornal, e quando êles se encontram nenhum terá a idéia de falar dessa imagem sem nome e sem história. Entretanto estivemos todos na sua vizinhança, meses e meses, sobre a cidade murmure; nossos destinos se defrontaram assim em silêncio, e se afastaram. Rapazes, inquietos rapazes de jornal; quem sabe se a felicidade de algum de vós não estaria naquela mulher sossegada, roliça e cantarolante, muito loura e rosada, no seu terraço modesto, a lavar e enxugar com preguiça os cabelos tôda manhã de sol?

Tenho uma tendência a pensar tolices meigas; pensar na solidão da criatura humana, no acaso que dirige o encontro das pessoas, e seus desencontros no tempo e no espaço; no gesto que ninguém fêz, na palavra que não se disse, no sentimento que não se suspeitou. Olhei ainda um instante a mulher; ela me parecia eterna como uma estátua ao sol, a estátua de todo o banal mistério humano, a estátua de tôda a vida que não acontece, de todo o destino que poderia ter sido. Lentamente, em silêncio baixei a janela sobre sua imagem, apanhei minhas coisas, e parti.

foi diretor da Comissão do Vale do São Francisco (é um grande entendido sobre o rio da unidade nacional), foi membro da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, estudou e produziu um imenso e especializadíssimo parecer sobre o problema da mudança da capital federal. Em Minas, uma de suas obsessões é a barragem do Feixê do Funil, que, construída, submergeria a cidade de Brumadinho, produziria grande potencial elétrico e permitiria a navegabilidade do rio das Velhas (como nos velhos tempos coloniais). Durante o período udenista Milton Campos, Lucas Lopes não cessou a sua colaboração técnica (é discreta) com o governo. No governo Vargas, foi membro do Conselho Consultivo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e, nos últimos anos, dedicou-se ao projeto de eletrificação de Minas, do qual foi planejador e realizador, como presidente da CEMIG. Dela saiu para o ministério da Viação, indicado pelo governador Juscelino Kubitschek ao presidente Café Filho, e, certamente por isso, depois do recente discurso presidencial sobre a sucessão, demitiu-se em caráter irrevogável, foi substituído pelo coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos, que homenageou o seu antecessor com um cordialíssimo almôço. Agora, ex-ministro, futuro alguma coisa, discreto mas firme no páreo da sucessão mineira, o técnico Lucas Lopes está voltando para Minas e para seus estudos (entre outras coisas, ele é professor catedrático da Faculdade de Economia da UMG).



SONETO

GODOFREDO FILHO

*Penso no amargo instante, oh alta Amada,
em que se apartarão, cheios de mágoa,
de mim teus negros olhos, rasos de água,
e essa ternura ingênua e delicada.*

*Que mais posso dizer? Nem se apagada
sempre, não hoje só, verei na frágua
a salamandra de teu sonho. Trago-a
dentro d'alma, já murcha e mal fanada,*

*a flor do afeto a que sorrímos ambos,
e a deixaste gelar neste abandono,
no limbo vítreo do mais longo sono.*

*Embora! O aroma dulcíssimo dos jambos
sentirei, que me lembra um céu perdido,
oh fruto, verde, oh fruto proibido!*

NOTA — Godofredo Filho, que representa na Bahia a Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fez, o ano passado, cinquenta anos. Os amigos fizeram então uma edição de luxo, ilustrada, de seus "Sonetos e Canções", de onde fomos tirar os versos acima publicados.

Soirée

IBRAHIM SUED

- **HOLLYWOOD**, como todos sabem, invadiu o Rio: Pampanini também. E, como não podia deixar de ser, muitos acontecimentos com champanhota e tudo. Em "River-Side", o sr. e sra. Vicente Galliez reuniram para um "party" que terminou com um jantar na esplêndida Samambaia, onde os casais Fernando de Lamare e Gerardo Góis receberam com perfeição e bom gosto. Nestes dois acontecimentos, Walter Pidgeon, Dorothy Mc Guire e seu marido, o diretor John Swope, tiveram oportunidade de conhecer o "society" carioca. Nesse mesmo dia, Elaine Stewart passou a tarde na Fazenda Rio Grande, dos irmãos Acetta, em companhia do casal Fernando Aguinaga.
- **OUTRO ACONTECIMENTO** com essas celebridades, foi o jantar que ofereci na "boite" do Hotel Vogue. Toda a delegação americana presente, e, ao mesmo, um "happy-birthday" para Jorge Guinle, que aniversariava. A noite foi esplêndida, com um menu devidamente apresentado pelo Barão Stuckart, Silvio Caldas e Ângela Maria impressionando os nossos amigos de Hollywood com a música brasileira. Nessa noite, o Vogue esteve perfeitamente Vogue, com alguns convidados da sociedade carioca e paulista.
- **COM EXCEÇÃO DE ELAINE STEWART**, todos os americanos partiram. Elaine ficou. A simpática e bonita estrelinha da Metro, dançando o samba, falando um português de poucas palavras, foi a São Paulo. Hospedou-se no Hotel Comodoro e, entre as homenagens que recebeu, aconteceu um elegante "party" oferecido pelo sr. Osvaldo Vidigal. Jantar com sr. Obe Sousa Carneiro e "cocktail" na residência da sra. Beatriz Amaral.
- **NASCEU** o segundo bebê do casal Ricardo Vidigal. A visita da cegonha foi menina. Nas suas viagens (entre Rio e São Paulo) o sr. Obe Sousa Carneiro varia entre louras e morenas...
- **INTERNACIONAL**: Esta semana está sendo esperada, no Rio, Ginger Rogers e seu marido Jacques Bergerac, que vêm ao Rio assistir ao Carnaval carioca. Como vocês já sabem, a célebre atriz e seu marido aqui vêm, a meu convite, para inaugurar o Carnaval carioca no elegante e tradicional baile do Copacabana Palace. Entre os bailes a que pretendo levá-los, está programado o Municipal. Mas acontece que o Departa-



Em uma noite elegante, o sr. Eurico Sousa Leão e o senhor e a senhora Otacilio Gualberto.

mento de Turismo da Prefeitura, participa que não existem mais frisas nem camarotes. E aí eu pergunto, Senhor Prefeito Alim Pedro: E assim que se pretende incentivar o turismo no Brasil? E o sr. Alfredo Pessoa poderá solucionar esse problema?

- **A BONITA VIUVA** de Jacques Fath continua sendo vista diariamente em Paris com o Duque de Cadaval. Fala-se muito nesse casamento, mas acontece que o nobre português é casado em sua terra, país católico, onde o divórcio é praticamente impossível.
- **O AMIGO** Hugo Gouthier está sendo esperado no Rio, no princípio do mês de março. Sua esposa, a simpática e elegante Laís, chegará ainda este mês em companhia de seus dois herdeiros.
- **NO ANIVERSÁRIO** do bem apresentado jovem senhor José Alberto Gueiros, a senhora Nelmias Gueiros recebeu para um jantar americano. No "party" que Jorge e Dolores Guinle ofereceram em seu elegante apartamento na Praia do Flamengo, aos artistas que nos visitaram, a americana Pat Hally, que estava de passagem pelo Rio, a bordo do "Coronia", usava clips, brincos e pulseira de brilhantes. Uma senhora que estava ao meu lado perguntou a uma amiga: "São verdadeiros?" "Deve ser" — respondeu a sua interlocutora. E acrescentou: "Só a passagem no "Coronia", navio onde ela está fazendo a volta ao mundo, custa 8.700 dólares".
- **NO "CAJU AMIGO"** que aconteceu no Vogue, a nota pitoresca foi o Comandante Carlos Niemayer fantasiado de "dama de preto". Foi uma das festas mais animadas deste carnaval. O sr. Carlos Peixoto, estava uma beleza, de cabeloira loura, piteira e vestido vermelho. E por falar nisso, o senhor Peixoto anda viajando muito para São Paulo. As iniciais dela são: Sarita Coelho.
- **E POR FALAR** em São Paulo, Maria Helena Morganti criou um impasse sentimental na família Morganti. Está decididamente inclinada a casar-se com o galã do cinema nacional Hélio Souto, contra a vontade de seu pai, que ameaçou deserdá-la, se a bonita filha casar-se com o jovem Souto, hoje um vitorioso no cinema nacional. Entretanto, apesar das ameaças da família, a jovem em questão explica: "Vou me casar! Porque gosto do Hélio! O que ele ganha dá para nossa subsistência. Dinheiro não dá felicidade a ninguém. Nós não precisamos de muito dinheiro para sermos felizes".
- **E HOJE E' SO'** — Mais uma vez quero frisar: continuo contra a dama de preto e contra a Petrobrás.



Durante um elegante "party", a senhora Herculano Thomas Lopes e o senhor Walter Quadros.